

HELEN LAUER E KOFI ANYIDHOHO
(Organizadores)

**O RESGATE DAS CIÊNCIAS
HUMANAS E DAS
HUMANIDADES ATRAVÉS DE
PERSPECTIVAS AFRICANAS**

VOLUME III



Brasília - 2016

Direitos de publicação reservados à
Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília-DF
Telefones: (61) 2030-6033/6034
Fax: (61) 2030-9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@funag.gov.br

Equipe Técnica:

Eliane Miranda Paiva
Fernanda Antunes Siqueira
Gabriela Del Rio de Rezende
Luiz Antônio Gusmão
André Luiz Ventura Ferreira
Acauã Lucas Leotta
Márcia Costa Ferreira
Lívia Milanez
Renata Nunes Duarte

Projeto Gráfico:

Daniela Barbosa

Tradução:

Rodrigo Sardenberg

Programação Visual e Diagramação:

Gráfica e Editora Ideal

Impresso no Brasil 2016

R433 O Resgate das ciências humanas e das humanidades através de perspectivas africanas / Helen Lauer, Kofi Anyidoho (organizadores). – Brasília : FUNAG, 2016.

4 v. – (Coleção relações internacionais)

Título original: Reclaiming the human sciences and humanities through African perspectives

Descrição principal baseada no volume 3.

ISBN (v. 3) 978-85-7631-620-6

1. Gana - aspectos históricos. 2. Literatura - África. 3. Racismo - África. 4. Filosofia - África. 5. Cultura - África. 6. Democracia - África. 7. Identidade nacional - África. 8. Gana. [Constituição (1992)]. I. Lauer, Helen. II. Anyidoho, Kofi. III. Série.

CDU 301.19(6)

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14/12/2004.

Capítulo 61

Liberdade de expressão em sociedade tradicional: as bases culturais da comunicação em Gana contemporânea..... 1845

Kwesi Yankah

Capítulo 62

Chefia, bom governo apartidário e desenvolvimento na democracia moderna de Gana 1899

Nana Dr. S.K.B. Asante

Capítulo 63

Gana desde meados do século XX: tribo ou nação? 1937

Kwame A. Ninsin

Capítulo 64

Etnicidade e cidadania na África: algumas reflexões 1985

Ukoha Ukiwo

Capítulo 65

Identidade nacional e a linguagem da metáfora 2005

Kofi Anyidoho

Capítulo 66

O argumento a favor da contaminação: multiculturalismo como regra na África contemporânea 2041

Kwame Anthony Appiah

Capítulo 67

Transplantando o carvalho inglês: legalismo, legalidade, pluralismo jurídico e o direito penal de Gana 2069

Henrietta Joy Abena Nyarko Mensa-Bonsu

Capítulo 68

Trechos da Constituição da República de Gana de 1992 2125

Assembleia Consultiva do PNDC

CAPÍTULO 66

O ARGUMENTO A FAVOR DA CONTAMINAÇÃO: MULTICULTURALISMO COMO REGRA NA ÁFRICA CONTEMPORÂNEA¹

Kwame Anthony Appiah

Estou sentado, com minha mãe, na varanda de um palácio, refrescado por uma brisa vinda do jardim real. Diante de nós, num estrado, existe um trono vazio, com seus braços e pernas incrustados com latão polido, o encosto e o assento cobertos com seda preta e dourada. Na frente dos degraus que levam ao estrado, existem duas colunas de pessoas, principalmente homens, voltadas umas para as outras, sentadas em banquetas de madeira entalhada, com os tecidos que elas vestem enrolados nos seus peitos, deixando seus ombros expostos. Existe uma agitação silenciosa de conversa. Do lado de fora, no jardim, pavões gritam. Finalmente, o sopro de um chifre de carneiro anuncia a chegada do Rei de Asante, saudando o

¹ N.E.: Este artigo apareceu originalmente no *New York Times Sunday Magazine*, de 1º de janeiro de 2006, adotado do livro recente do autor, *Cosmopolitanism: Ethics in a World of Strangers*, publicado pela W.W. Norton, 2006, nos Estados Unidos. Ele está reproduzido aqui com permissão da Penguin Books Ltd.

seu *kotokohene*, o “porco-espinho chefe” honorífico. (Cada espinho do porco-espinho, de acordo com o costume, significa um guerreiro pronto para matar ou morrer pelo reino). Todos nos mantemos em pé até o rei se sentar no trono. Quando então sentamos, um coro entoava canções em seu louvor, intercaladas por um toque de flauta. É uma quarta-feira de festival em Kumasi, a cidade onde eu cresci.

A não ser que você seja um dos poucos milhões de ganenses, isto provavelmente parecerá um mundo relativamente desconhecido, talvez até mesmo exótico. Você poderá supor que esta quarta-feira de festival pertença de forma esquisita a um passado africano. Mas antes de o rei chegar, as pessoas estavam recebendo chamadas em telefones celulares e, dentre aqueles que passavam o tempo a conversar baixo, estavam uma dúzia de homens vestindo ternos, representantes de uma empresa de seguros. E as reuniões no escritório ao lado da varanda são sobre questões contemporâneas: HIV/AIDS, as necessidades educacionais de crianças do século XXI e o ensino de ciência e tecnologia na universidade local. Quando chega a minha vez de ser apresentado formalmente, o rei me pergunta sobre Princeton, onde dou aula. Pergunto-lhe quando será a próxima vez que ele irá aos Estados Unidos. Em algumas semanas, responde alegremente. Ele terá uma reunião com o chefe do Banco Mundial.

Onde quer que se viaje no mundo – hoje e sempre – pode-se encontrar cerimônias como esta, muitas delas enraizadas em tradições de vários séculos. Mas também se encontrará em todo lugar – e isto é novidade – muitas ligações íntimas com lugares distantes: Washington, Moscou, Cidade do México, Beijing. Do outro lado da rua, quando estávamos crescendo, havia uma casa grande ocupada por várias famílias, entre as quais uma grande família de rapazes; um deles, mais ou menos com a minha idade, era um bom amigo. Ele mora em Londres. Seu irmão mora no

Japão, de onde vem sua esposa. Eles têm outro irmão que esteve por algum tempo na Espanha e mais dois irmãos que, da última vez que eu soube, estavam nos Estados Unidos. Alguns deles ainda vivem em Kumasi, um ou dois em Acra, a capital de Gana. Eddie, que mora no Japão, fala o idioma da sua esposa agora. Ele precisa falar. Mas nunca se sentiu confortável com o inglês, o idioma do nosso governo e das nossas escolas. Quando ele me telefona de vez em quando, prefere falar Asante-Twi.

Ao longo dos anos, prédios do palácio real em Kumasi se expandiram. Quando eu era criança, nós costumávamos visitar o rei anterior, meu tio-avô por casamento, num pequeno prédio que os britânicos tinham permitido que seu antecessor construísse quando ele voltou do exílio nas Ilhas Seychelles para um reino Asante restaurado, porém reduzido. Agora esse prédio é um museu, tornado minúsculo pela imensa casa ao lado – construída pelo seu sucessor, meu tio por casamento – onde o rei atual vive.

Ao lado, rente à varanda onde estávamos sentados, está o conjunto de escritórios recentemente concluído pelo rei atual, o sucessor do meu tio. Os britânicos, o povo da minha mãe, conquistaram Asante na virada do século XX. Agora, na virada do século XXI, o palácio transmite a mesma sensação que deve ter passado no século XIX: um centro de poder. O Presidente de Gana também vem deste mundo. Ele nasceu do outro lado da rua, sendo filho de um membro do clã real Oyoko. Mas ele também pertence a outros mundos: estudou na Universidade de Oxford, é membro de uma das associações de advogados em Londres e é católico (na sua sala de estar, há uma foto em que ele cumprimenta o Papa).

O que devemos entender com isso? Na quarta-feira de festival de Kumasi, vi visitantes da Inglaterra e dos Estados Unidos recuarem diante do que eles consideram como a intrusão da modernidade em rituais tradicionais atemporais – mais evidência, eles acreditam,

de uma pressão no mundo moderno rumo à uniformidade. Eles reagem como o assistente no set de filmagem que deve verificar se os figurantes num filme épico não estão usando relógios de pulso. E puristas desse tipo não estão sozinhos. Nos últimos dois anos, membros da UNESCO gastaram muito tempo tentando forjar uma convenção sobre “proteção e promoção” da diversidade cultural. (Ela foi finalmente aprovada na Conferência Geral da UNESCO em outubro de 2005).

Aqueles que fizeram a versão preliminar se preocuparam que “os processos de globalização [...] representem um desafio para a diversidade cultural, especificamente em função de desequilíbrios entre países ricos e pobres”. O medo é que os valores e as imagens da cultura de massa ocidental, como uma erva invasiva, estejam ameaçando asfixiar a flora nativa do mundo.

Não é difícil encontrar contradições neste argumento. Este mesmo documento da UNESCO afirma com cuidado a importância do fluxo livre de ideias, a liberdade de pensamento e expressão e os direitos humanos – valores que, conforme nós sabemos, só se tornarão universais se nós assim os assumirmos. Então, o que realmente importa: culturas ou pessoas? Num mundo em que Kumasi e Nova York – e o Cairo, e Leeds, e Istambul – estão se aproximando ainda mais, uma ética da globalização provou ser difícil de entender.

Eu acredito que a abordagem correta começa tomando-se indivíduos – não nações, tribos ou “povos” – como o objeto adequado de preocupação moral. Não importa muito como chamamos essa doutrina, mas em homenagem a Diógenes, o Cínico grego do século IV e o primeiro filósofo a se chamar um “cidadão do mundo”, nós podemos chamá-la de cosmopolita. Os cosmopolitas levam a sério a diferença cultural, porque eles levam a sério as escolhas que as pessoas fazem. Mas como a diferença cultural não é a única coisa

que os preocupa, eles suspeitam que muitos dos críticos culturais da globalização estejam apontando para os alvos errados.

Sim, a globalização pode produzir a homogeneidade. Mas a globalização também é uma ameaça à homogeneidade. Pode-se observar isto de forma tão evidente em Kumasi como em qualquer lugar. Uma coisa que Kumasi não é – simplesmente por ser uma cidade – é homogênea. Ingleses, alemães, chineses, sírios, libaneses, burkinabes, marfinenses, nigerianos, indianos: posso encontrar para você famílias de cada uma dessas nações. Posso encontrar para você gente Asante, cujos ancestrais viveram nesta cidade durante vários séculos, mas também domicílios Hausa que também existem há vários séculos. Lá também existem pessoas vindas de todas as regiões do país, que falam uma grande variedade de idiomas. Mas se você viajar apenas um pouco para fora de Kumasi – digamos, vinte milhas, na direção certa – e se você desviar da estrada principal e seguir por uma das várias estradas esburacadas de laterita vermelha, você não terá dificuldade para encontrar vilas razoavelmente monoculturais. A maioria das pessoas foi a Kumasi e viu o grande mundo, poliglota e variado da cidade. No entanto, no lugar onde elas vivem, existe um idioma cotidiano (além do inglês nas escolas do governo) e um estilo de vida agrário baseado em algumas culturas antigas, como inhame, e outras mais novas, como o cacau, que chegou no final do século XIX como um produto para exportação. Elas podem ter eletricidade ou não. (A essa distância tão curta de Kumasi, é provável que tenham). Quando as pessoas falam da homogeneidade produzida pela globalização, elas estão falando o seguinte: até mesmo aqui, os moradores de vilas terão rádios (apesar de o idioma ser local); você conseguirá ouvir um debate sobre Ronaldo, Mike Tyson ou Tupac; e você provavelmente conseguirá encontrar uma garrafa de Guinness ou Coca-Cola (além de Star ou Club, as melhores cervejas do próprio Gana). Mas será que o acesso a estas coisas tornou o local mais

homogêneo ou menos? E o que você pode inferir sobre as almas das pessoas a partir do fato de que elas bebem Coca-Cola?

É verdade que os enclaves de homogeneidade que se encontram atualmente – tanto em Asante quanto na Pensilvânia – são menos distintivos do que eram um século atrás, mas, na maior parte, no bom sentido. Mais desses enclaves têm acesso a remédios eficazes. Mais desses enclaves têm acesso a água potável limpa e mais deles têm escolas. Onde, como ainda é comum, eles não têm essas coisas, trata-se de algo não para comemorar, mas para deplorar. E qualquer perda de diferença que tenha havido, eles estão constantemente inventando novas formas de diferença: novos estilos de cabelo, nova gíria e até mesmo, de tempos em tempos, novas religiões. Ninguém pode dizer que as vilas do mundo estejam se tornando iguais.

Então por que as pessoas nestes lugares às vezes sentem que suas identidades estão ameaçadas? Porque o mundo, o mundo delas, está mudando e algumas delas não gostam disso. A influência da economia global – veja aquelas árvores de cacau, cujo chocolate é comido no mundo inteiro – criou parte da vida que elas levam agora.

Se os preços do chocolate caírem novamente, como aconteceu no começo da década de 1990, agricultores de Asante poderão ter que encontrar novas safras ou novas formas de subsistência. A perspectiva é incômoda para algumas pessoas (da mesma maneira que é empolgante para outras). Missionários vieram algum tempo atrás, então muitos destes moradores de vilas serão cristãos, mesmo que eles também tenham mantido alguns dos ritos antigos. Mas novos mensageiros pentecostais estão desafiando as igrejas que eles conhecem e estão condenando os antigos ritos como idólatras. De novo, algumas pessoas gostam, outras não.

Acima de tudo, os relacionamentos estão mudando.

Quando meu pai era jovem, um homem numa vila cultivava a terra que um chefe tivesse concedido a ele e seu clã materno (inclusive seus irmãos mais jovens) trabalhava nela com ele. Quando uma nova casa precisava ser construída, ele organizava isso. Ele também assegurava que seus dependentes estivessem alimentados e vestidos, que as crianças estudassem, que casamentos e funerais fossem organizados e pagos. Ele podia esperar passar a fazenda e as responsabilidades para a geração seguinte.

Hoje em dia tudo é diferente. Os preços do cacau não acompanharam o custo de vida. Os preços da gasolina encareceram o transporte da safra. E existem novas possibilidades para os jovens nas cidades, em outras partes do país e em outras partes do mundo. Antigamente, talvez você pudesse ter obrigado os mais jovens a ficarem. Agora eles têm o direito de partir – talvez para procurar trabalho num dos novos centros de processamento de dados no sul, na capital da nação e, de qualquer maneira, você pode não ganhar o suficiente para alimentar e vestir todos eles.

Então a época da agricultura bem sucedida está passando e aqueles que estavam estabelecidos nesse tipo de vida estão tão tristes por vê-lo passar como os agricultores familiares americanos cujas terras foram acumuladas por agronegócios gigantescos. Podemos simpatizar com eles. Mas não podemos obrigar os filhos deles a ficarem em nome da proteção de sua cultura autêntica e não podemos nos dar ao luxo de subsidiar indefinidamente milhares de ilhas de homogeneidade distintas que não fazem mais sentido econômico.

Nós nem devemos querer que isso aconteça. Os cosmopolitas acreditam que a variedade humana é importante porque pessoas têm o direito de ter opções. O que John Stuart Mill disse há mais de um século em *On Liberty* sobre a diversidade numa sociedade

serve, da mesma maneira, como um argumento para a variedade no mundo todo:

Se as pessoas tivessem apenas diversidades de gostos, isto já seria razão suficiente para não tentar moldar todas elas de acordo com um modelo. Mas pessoas diferentes também exigem condições diferentes para seu desenvolvimento espiritual e elas não podem existir de maneira mais saudável na mesma moral do que toda a variedade de plantas pode existir na mesma atmosfera e no mesmo clima físico. As mesmas coisas que são de ajuda para uma pessoa no cultivo da sua natureza mais elevada, são obstáculos para outra [...]. A não ser que exista uma diversidade correspondente nos seus modos de vida, eles nem obtêm sua parcela justa de felicidade nem se elevam para a estatura mental, moral e estética da qual sua natureza é capaz.

Se quisermos preservar uma grande variedade de condições humanas porque ela permite que as pessoas livres tenham a melhor chance para fazerem suas próprias vidas, nós não podemos impor a diversidade prendendo as pessoas a diferenças das quais elas desejam escapar.

II

Mesmo que você admita que as pessoas não devem ser obrigadas a sustentar práticas culturais mais antigas, você poderá supor que os cosmopolitas devem ficar do lado daqueles que estão ocupados no mundo todo “preservando a cultura” e resistindo ao “imperialismo cultural”. Ainda assim, por trás destes slogans, costuma-se encontrar algumas suposições curiosas. Tome-se “preservar a cultura”. Uma coisa é ajudar as pessoas a sustentar artes que elas queiram sustentar. Sou totalmente a favor de

festivais de bardos galeses em Llandudno financiados pelo conselho de artes galês. Viva o Centro Cultural Nacional de Gana, em Kumasi, onde você pode ir e aprender a dança e a percussão Akan tradicionais, especialmente porque suas aulas são animadas e transbordantes. Restaurar o estoque dos primeiros filmes de Hollywood que está se deteriorando. Continuar a preservação de manuscritos noruegueses antigos e chineses e etíopes remotos. Registrar, transcrever e analisar as narrativas orais de Malay e Masai e Maori. Não se pode negar que todas estas coisas sejam valiosas.

Mas preservar a cultura – no sentido desses artefatos culturais – é diferente de preservar culturas. E os preservacionistas culturais costumam seguir este último, tentando assegurar que os Huli de Papua Nova Guiné (ou até mesmo Sikhs em Toronto) mantenham suas maneiras “autênticas”. No entanto, o que torna uma expressão cultural autêntica? Será que temos que parar de importar bonés de beisebol no Vietnã para que os Zao continuem a usar suas toucas vermelhas coloridas? Por que não perguntar aos Zao? Será que a escolha não deveria ser deles?

“Eles não têm nenhuma escolha verdadeira”, dizem os preservacionistas culturais. “Nós empurramos roupas ocidentais baratas para os mercados deles e eles não podem mais pagar pela seda que eles costumavam vestir. Se eles tivessem o que eles realmente quisessem, eles ainda estariam vestidos da maneira tradicional”. Mas este não é mais um argumento sobre autenticidade. A afirmação é que eles não podem se dar ao luxo de fazerem algo que eles realmente gostariam de fazer, algo que é expressivo de uma identidade com a qual eles se preocupam e querem sustentar. Este é um problema legítimo que aflige pessoas em várias comunidades: eles são pobres demais para viverem a vida que eles querem ter. Mas se eles realmente ficarem mais ricos e

continuarem a correr por aí vestindo camisetas, essa é uma escolha deles. Falar de autenticidade agora só resulta em falar para outros povos o que eles deveriam valorizar nas suas próprias tradições.

Não que este tenda a ser um problema no mundo real. A maioria das pessoas que podem pagar por isso prefere vestir um traje tradicional – pelo menos de vez em quando. Certa vez eu fui padrinho num casamento escocês em que o noivo vestiu um kilt e eu vesti um traje africano. Andrew Oransay, o ilhéu que tocou enquanto passávamos pelo corredor, sussurrou em meu ouvido num determinado momento, “Então aqui estamos nós todos, no nosso traje tribal”. Em Kumasi, as pessoas que podem pagar adoram vestir seus trajes africanos, especialmente os mais “tradicionais”, tecidos com faixas de seda coloridas na cidade de Bonwire, como ocorre há dois séculos. (Os preços são altos em parte porque a demanda fora de Asante aumentou. Um traje africano elegante para um homem agora custa mais do que o ganense médio ganha em um ano. Será que isso é ruim? Não para o povo de Bonwire).

Além disso, tentar encontrar alguma cultura primordialmente autêntica pode ser como descascar uma cebola. Os têxteis que a maioria das pessoas pensa que são tecidos tradicionais da África Ocidental são conhecidos como estampas de Java. Elas chegaram no século XIX com os batiques de Java vendidos e, muitas vezes, fabricados pelos holandeses. O traje tradicional das mulheres Herero, na Namíbia, deriva do traje de missionários alemães do século XIX, apesar de ainda, sem dúvida, ser Herero, não menos porque os tecidos usados têm uma variedade de cores distintamente não luterana. E isso aconteceu com nosso traje africano: a seda também era importada, negociada por europeus e produzida na Ásia. Esta tradição já foi uma inovação. Será que, por essa razão, devemos rejeitá-la como não sendo tradicional? Até que ponto se deve voltar?

Será que devemos condenar os rapazes e as moças da Universidade de Ciência e Tecnologia, logo na saída de Kumasi, que usam trajes no estilo europeu para a formatura, cheios de trajes africanos (como eles também fazem agora em Howard e Morehouse)²? Culturas são feitas de continuidades e mudanças e a identidade de uma sociedade pode sobreviver a estas mudanças. Sociedades sem mudança não são autênticas, elas estão apenas mortas.

III

Os preservacionistas muitas vezes argumentam invocando o mal do “imperialismo cultural”. A imagem básica deles, em geral, é a seguinte: Existe um sistema mundial do capitalismo. Ele tem um centro e uma periferia. No centro –Europa e Estados Unidos – está um conjunto de empresas multinacionais. Algumas destas estão no ramo de mídia. Os produtos que elas vendem no mundo todo promovem a criação de desejos que só podem ser realizados pela compra e pelo uso dos seus produtos. Elas fazem isso explicitamente através da publicidade, mas mais insidiosamente, elas também o fazem através das mensagens implícitas em filmes e em dramas de televisão.

Herbert Schiller, um dos principais críticos do “imperialismo da mídia cultural”, afirmou que “são as imagens e as perspectivas culturais do setor governante no centro que moldam e estruturam a consciência no sistema em geral”.

Pelo menos essa é a teoria. Mas a evidência não sustenta isso. Pesquisadores efetivamente saíram pelo mundo e exploraram as reações ao bem sucedido seriado de televisão *Dallas* na Holanda e entre árabes de Israel, imigrantes judeus no Marrocos, habitantes

2 N.E.: A Faculdade Morehouse oferece a negros americanos uma instituição de nível superior totalmente masculina historicamente exclusiva, rara nos Estados Unidos. A Universidade de Howard é chamada de a “Harvard Negra” da América, estando em 96º na lista das melhores faculdades americanas, segundo o *US News & World Report* 2008.

de kibbutz e novos imigrantes russos em Israel. Eles analisaram o conteúdo efetivo da mídia de televisão – cuja penetração do cotidiano é muito maior do que do cinema – na Austrália, no Brasil, no Canadá, na Índia e no México. Observaram como a cultura popular americana foi adotada pelos artistas de Sophiatown, na África do Sul. Debateram *Days of Our Lives* e *The Bold and the Beautiful*³ com estudantes universitários Zulus de origens tradicionais.

E uma coisa que eles descobriram é que a maneira como as pessoas reagem a estas importações culturais depende da existência de um contexto cultural. Quando o estudioso de mídia Larry Strelitz deu uma palestra para estudantes de KwaZulu-Natal, ele descobriu que eles podiam ser tudo, menos receptáculos passivos. Um deles, Siphó – que se descrevia como “um homem Zulu muito, muito forte” – relatou que ele tinha tirado lições ao assistir à novela americana *Days of Our Lives*, “especialmente em termos de relacionamento”. Ela fortificou sua visão de que “se um cara pode falar para uma mulher que ele a ama, ela deve poder fazer a mesma coisa”.

Além disso, depois de assistir ao programa, Siphó “percebeu que deveria ter permissão para falar com o pai. Ele deveria ser meu amigo em vez de apenas meu pai”. Parece duvidoso que essa tenha sido a mensagem que o setor governante do capitalismo multinacional tenha pretendido passar.

Mas a reação de Siphó também confirmou que consumidores culturais não são ingênuos. Eles podem adaptar produtos para atenderem às suas próprias necessidades e podem decidir sozinhos o que aprovam e não aprovam. Aqui está Siphó novamente:

3 N.E.: Estes são exemplos perfeitos das várias novelas exibidas durante o dia que mostram visões convencionais de vanguarda nos Estados Unidos de um estilo de vida sofisticado e valores acelerados.

Em termos da nossa cultura, espera-se que uma garota comece a se relacionar por volta dos vinte anos de idade. Na cultura ocidental, uma garota pode ser exposta a um relacionamento desde quinze ou dezesseis anos de idade. Isso nós não devemos adotar na nossa cultura. Outra coisa que não devemos adotar da cultura ocidental tem a ver com a maneira pela qual eles tratam os idosos. Eu não gostaria que minha família fosse mandada para um asilo.

Não importaria se os “asilos” em novelas americanas fossem lugares seguros, cheios de pessoas gentis. Isso não venderia a ideia para Sipho. Espectadores holandeses de *Dallas* não viam os prazeres do consumo ostensivo entre os extremamente ricos – a mensagem que teóricos do “imperialismo cultural” encontram em todo episódio – mas uma lembrança de que o dinheiro e o poder não os protegem de uma tragédia. Árabes israelenses viam um programa que confirmava que mulheres abusadas pelos seus maridos deveriam voltar a viver com seus pais. Telenovelas mexicanas lembram a mulheres de Gana que, onde o sexo estiver em questão, não se deve confiar nos homens. Se as telenovelas tentassem falar algo diferente, elas não acreditariam.

Falar do imperialismo cultural “estruturando a consciência” daqueles na periferia é tratar pessoas como Sipho como tábulas rasas nas quais a mão dinâmica do capitalismo global escreve sua mensagem, deixando para trás uma automação cultural, enquanto segue em frente. Ele é profundamente condescendente. E não é verdadeiro.

De fato, uma forma em que as pessoas às vezes reagem ao massacre de ideias vindo do ocidente é voltá-las contra aqueles que as originaram. Não se trata de um acidente o fato de os adversários mais ferozes do ocidente entre outras sociedades tenderem a vir

dentre o mais ocidentalizados do grupo. Quem em Gana condenou os colonizadores britânicos e desenvolveu o movimento pela independência? Não foram os agricultores nem os camponeses. Não foram os chefes tribais. Foi a burguesia educada no Ocidente. E quando Kwame Nkrumah – que fez faculdade na Pensilvânia e morou em Londres – criou um movimento de massa nacionalista, no seu centro estavam soldados que tinham voltado de uma guerra no Exército Britânico, mulheres comerciantes urbanas que negociavam gravuras holandesas, sindicalistas que trabalhavam em indústrias criadas pelo colonialismo e os chamados “rapazes da varanda”, que tinham estudado em escolas coloniais, aprendido inglês e estudado história e geografia em livros didáticos escritos na Inglaterra. Quem liderou a resistência ao Raj britânico? Um advogado sul-africano nascido na Índia, treinado nas cortes britânicas, cujo nome era Gandhi; um indiano chamado Nehru, que vestia ternos Savile Row e enviou sua filha para um colégio interno inglês; e Muhammad Ali Jinnah, fundador do Paquistão, que se juntou ao Lincoln’s Inn em Londres e tornou-se um advogado aos 19 anos de idade. Os movimentos de independência do mundo pós-guerra que levaram à derrocada dos impérios europeus, na África como na Ásia, foram impulsionados pela retórica que tinha orientado a luta dos próprios Aliados contra a Alemanha e o Japão: democracia, liberdade, igualdade. Este não era um conflito entre valores, mas um conflito de interesses expresso em termos dos mesmos valores.

IV

Às vezes, porém, as pessoas reagem às incursões do mundo moderno não apropriando os valores defendidos pelas democracias liberais, mas invertendo-os. Um resultado recente foi uma nova fraternidade mundial que apresenta o cosmopolitanismo com algo de uma imagem refletida sinistra. Na verdade, você poderia

pensar nos seus membros como sendo anticosmopolitas. Eles acreditam na dignidade humana entre as nações e vivem sua doutrina. Eles compartilham estes ideais com pessoas em vários países, falando muitos idiomas. Como profundos globalistas, eles utilizam plenamente a rede mundial da internet. Eles resistem ao consumismo estúpido da sociedade ocidental moderna e lamentam sua influência no restante do mundo.

Mas eles também resistem às tentações dos nacionalismos restritos dos países onde nasceram, junto com as fidelidades humildes de parentes. Eles resistem a essas lealdades monótonas porque elas atrapalham a única coisa que importa: a construção de uma comunidade de homens e mulheres iluminados em todo o mundo. Essa é uma razão pela qual eles rejeitam autoridades religiosas tradicionais (apesar de também serem contra seu obscurantismo e sua temporização). Às vezes eles agonizam em suas discussões sobre se eles podem reverter os males do mundo ou se sua luta é inútil. Mas na maior parte eles continuam se esforçando para tornarem o mundo um lugar melhor.

Estes não são herdeiros de Diógenes, o Cínico. A comunidade que estes camaradas estão construindo não é uma polis; é o que eles chamam de *ummah*, a comunidade global dos muçulmanos, e ela é aberta a todos que compartilharem a sua fé. Eles são muçulmanos fundamentalistas, jovens e globais. Os novos globalistas da *ummah* consideram que eles voltaram aos princípios do islamismo. Boa parte do que passa por islamismo no mundo, boa parte do que passou por islamismo durante vários séculos, eles consideram uma simulação. Conforme o estudioso francês Olivier Roy observou, estes religionistas – seu termo para eles é “neofundamentalistas” – desejam limpar a mensagem primitiva e universal do islamismo das contingências da simples história, de culturas locais. Para eles, observa Roy, “a globalização é uma boa oportunidade de dissociar o

islamismo de qualquer cultura específica e de fornecer um modelo que poderia funcionar além de qualquer cultura”. Em outras palavras, eles pegaram um conjunto de doutrinas que outrora vinha com uma forma de vida e jogaram fora essa forma de vida.

Agora, a grande maioria destes fundamentalistas não vai explodir ninguém.

Para que eles não sejam confundidos com aqueles outros muçulmanos – Roy chama de “neofundamentalistas radicais” aqueles que querem tornar a jihad, entendida literalmente como a guerra contra o ocidente, o sexto pilar do islamismo. Endossar ou não o uso da violência é uma decisão política, mesmo que ela tenha que ser justificada em termos religiosos.

Entretanto, os neofundamentalistas apresentam um desafio clássico ao cosmopolitanismo porque eles também oferecem um universalismo moral e, da sua maneira, inclusivo.

É claro que, diferentemente do cosmopolitanismo, eles são universalistas sem serem tolerantes e esse universalismo intolerante muitas vezes levou a assassinato. Eles fortaleceram de baixo para cima as Guerras de Religião Francesas que ensanguentaram as quatro décadas anteriores ao Edito de Nantes, de 1598, em que Henrique IV da França finalmente concedeu aos protestantes nos seus domínios o direito de praticarem sua fé. Na Guerra dos Trinta Anos, que devastou a Europa Central até 1648, e na Paz de Westphalia, príncipes protestantes e católicos da Áustria até a Suécia lutaram uns com os outros e centenas de milhares de alemães morreram em batalha. Milhões ficaram famintos ou morreram de doença enquanto exércitos em movimento saqueavam o interior. O período de conflito religioso nas Ilhas Britânicas, da primeira Guerra dos Bispos, de 1639 até o fim da Guerra Civil Inglesa em 1651, que rivalizou os exércitos protestantes contra as forças de um rei católico, resultou nas mortes de talvez 10% da população.

É claro que todos estes conflitos envolveram questões além da doutrina sectária. Ainda assim, muitos liberais do iluminismo chegaram à conclusão que impor uma visão de verdade universal só poderia fazer com que o mundo voltasse aos banhos de sangue.

No entanto, a tolerância sozinha não é o que distingue o cosmopolita do neofundamentalista. Existem várias coisas que os heróis do islamismo radical ficam felizes em tolerarem. Eles não se importam se você comer kebabs ou almôndegas ou galinha *kung pao*, desde que a carne seja preparada de acordo com as leis muçulmanas; seu hijab pode ser de seda, de linho ou de viscose. Ao mesmo tempo, existem várias coisas que os cosmopolitas não irão tolerar. Às vezes nós temos vontade de intervir em outros lugares porque o que está acontecendo lá viola nossos princípios de maneira tão profunda. Nós também podemos ver o erro moral. E quando ele é suficientemente sério – o genocídio é o caso menos polêmico – nós não pararemos com a conversa. A tolerância tem seus limites.

Você também não consegue nos distinguir dizendo que os neofundamentalistas acreditam na verdade universal. Os cosmopolitas também acreditam na verdade universal, apesar de termos menos certeza de que nós já a tenhamos por inteiro. Não é ceticismo em relação à própria ideia de verdade que nos orienta, mas sim o realismo em relação ao quanto é difícil encontrar a verdade. Um princípio que mantemos, no entanto, é que todo ser humano tem obrigações em relação a todo outro ser humano. Todo mundo é importante: essa é a nossa ideia central. E de novo, ela limita muito o âmbito da nossa tolerância.

Para dizermos o que, em princípio, distingue o universalismo cosmopolita de outros concorrentes, nós simplesmente precisamos ir além da conversa sobre verdade e tolerância. Um compromisso distintamente cosmopolita é com o pluralismo. Os cosmopolitas

acham que existem muito valores pelos quais vale a pena viver e que você não pode viver por todos eles. Então nós desejamos e esperamos que pessoas e sociedades diferentes incorporem valores diferentes. Outro aspecto do cosmopolitanismo é o que os filósofos chamam de falibilismo – o sentido de que nosso conhecimento é imperfeito, provisório, sujeito a revisão diante de alguma prova nova.

O conceito neofundamentalista da *ummah* global, ao contrário, aceita variações locais – mas apenas em assuntos sem importância. Estes anticosmopolitas, assim como vários fundamentalistas cristãos, efetivamente pensam que existe um jeito certo para todos os seres humanos viverem e que todas as diferenças são meros detalhes. Se o que o preocupa for a homogeneidade global, então você deverá se preocupar com esta utopia, não com o mundo que o capitalismo está produzindo.

Ainda assim, os universalismos em nome da religião dificilmente são aqueles que invertem a doutrina cosmopolita. Em nome da humanidade universal, você pode tão facilmente ser o tipo de marxista, como Mao ou Pol Pot, que quer erradicar toda a religião, como ser o Grande Inquisidor, supervisionando um auto de fé. Todos estes homens querem o mundo inteiro do seu lado para que possamos compartilhar com eles a visão no espelho deles.

“Na verdade, eu sou um conselheiro confiável para vocês”, disse Osama bin Laden numa mensagem ao povo americano de 2002. “Eu os convido para a felicidade deste mundo e do além e a escaparem da sua vida seca, miserável e materialista, que não tem alma. Eu os convido ao islamismo, que pede que se siga apenas o caminho de Alá, o caminho que pede justiça e proíbe a opressão e crimes”. Juntem-se a nós, dizem os anticosmopolitas e todos nós seremos irmãs e irmãos. Mas cada um deles planeja pisotear

nossas diferenças – nos pisotear até a morte, se necessário – se nós não nos juntarmos a eles.

O lema deles poderia muito bem ser o ditado alemão mordaz: “Und willst du nicht mein Bruder sein, So schlag ich Dir den Schadel ein” (Se você não quiser ser meu irmão, então eu esmagarei seu crânio).

O fato de pluralistas liberais serem hostis a determinados modos de vida autoritários – deles serem intolerantes em relação à intolerância radical – às vezes é visto como um tipo de refutação própria. Isso é um erro: você pode ser preocupar com a liberdade individual e ainda assim entender que os contornos dessa liberdade irão variar consideravelmente de um lugar para o outro. Mas também podemos admitir que uma preocupação com a liberdade individual não é algo que será atraente para todos os indivíduos. Na política, inclusive na política cultural, existem vencedores e perdedores – vale a pena lembrar quando pensamos em tratados internacionais de direitos humanos.

Quando buscamos incorporar nossa preocupação com estrangeiros na lei dos direitos humanos e quando insistimos para que o nosso governo imponha isso, nós estamos tentando mudar o mundo do direito em todas as nações do planeta. Nós declaramos que a escravidão é uma violação do direito internacional. E, ao fazermos isso, nós nos comprometemos, no mínimo, com a desejabilidade da sua erradicação em todo lugar. Isto não é mais polêmico nas capitais do mundo. Ninguém defende a escravidão. Mas tratados internacionais definem a escravidão de maneiras que supostamente incluem a escravidão por dívidas, que é uma instituição econômica significativa em partes do sul da Ásia. Eu não tolero a escravidão por dívidas. Ainda assim, nós não devemos nos surpreender se pessoas cujas rendas e estilo de vida dependem disso ficarem bravas.

A mesma coisa acontece com os movimentos internacionais para promover a igualdade das mulheres. Nós sabemos que muitos muçulmanos ficam profundamente incomodados com a forma pela qual homens e mulheres ocidentais se comportam. Nós permitimos que mulheres nadem quase nuas com homens desconhecidos, que é o nosso negócio, mas é difícil ocultar a notícia destes atos de falta de vergonha de mulheres e crianças muçulmanas ou de proteger os homens muçulmanos das tentações que elas inevitavelmente criam. À medida que a internet amplia seu alcance, ficará ainda mais difícil e seus filhos, especialmente suas meninas, terão a tentação de solicitarem estas liberdades também. O que é pior, eles dizem, agora nós estamos tentando impor nossa ideia de como as mulheres e os homens devem se comportar em relação a elas. Nós falamos de direitos das mulheres. Nós fazemos tratados sacramentando estes direitos. E depois nós queremos que os seus governos os imponham.

Assim como várias pessoas em todas as nações, eu apoio esses tratados. Acredito que as mulheres, assim como os homens, devem ter o direito ao voto, devem ter o direito de trabalharem fora de casa, devem ser protegidas do abuso físico dos homens, inclusive seus pais, irmãos e maridos.

Mas eu também sei que as mudanças que estas liberdades trariam mudariam o equilíbrio de poder entre homens e mulheres na vida quotidiana. Como eu sei disso? Porque eu vivi a maior parte da minha vida adulta no ocidente exatamente quando ele estava passando por essa transição e eu sei que o processo ainda não está completo.

Então a liberdade e a diversidade podem muito bem estar em disputa e as tensões entre elas nem sempre são resolvidas facilmente. Mas a retórica da preservação cultural não ajuda em nada. De novo, as contradições estão ao alcance das mãos. Observe

novamente aquela Convenção da UNESCO. Ela afirma o “princípio de dignidade igual de todas as culturas e respeito por elas”. (Quais *todas* as culturas? Inclusive aquelas da KKK⁴ e do Talibã?)

Ela também afirma “a importância da cultura para a coesão social em geral e especialmente seu potencial para a melhoria do *status* e para o papel das mulheres na sociedade”. (Mas será que a “coesão” argumenta a favor da uniformidade? E será que aprimorar o *status* e o papel das mulheres envolveria a mudança em vez da preservação de culturas)? Na Arábia Saudita, as pessoas podem assistir a *Will and Grace* na TV por satélite – oficialmente proscria, mas ainda assim disponível – sabendo que, sob a lei saudita, Will poderia ser decapitado numa praça pública. No norte da Nigéria, mulás protestam veemente contra a vacinação de pólio ao mesmo tempo em que condenam adúlteras à morte por apedrejamento. Na Índia, milhares de esposas são queimadas até a morte a cada ano por não pagarem seus dotes. Viva a diferença? Por favor.

V

Em todo caso, culturas vivas não evoluem da pureza para a contaminação. A mudança é mais uma transformação gradual de uma mistura para outra nova, um processo que costuma acontecer a alguma distância de regras e de governantes, nas conversas que ocorrem através de fronteiras culturais. Essas conversas não são tanto sobre argumentos e valores quanto sobre a troca de perspectivas. Eu não digo que não podemos mudar de ideia, mas as razões que oferecemos na nossa conversa raramente farão muita coisa para convencer os outros que já não compartilham

4 N.E.: A Ku Klux Klan (KKK) é uma missão protestante quase secreta organizada hierarquicamente de supremacia branca nos Estados Unidos inaugurada em 1865, famosa pelo terrorismo racista ritualizado, especialmente incontáveis linchamentos de negros americanos, realizados com impunidade e com a cumplicidade tácita de agências locais de imposição da lei. Até hoje, execuções racistas extrajudiciais são realizadas sem nenhuma investigação judicial no sul dos Estados Unidos, tanto sob a égide da KKK quanto fora dela, que atualmente é uma rede descentralizada com uma estimativa de 8.000 membros distribuídos em 179 filiais em todo o país.

nossos juízos avaliativos básicos. Quando fazemos juízos, afinal de contas, raramente é porque aplicamos princípios bem pensados a um conjunto de fatos e deduzimos uma resposta. Nossos esforços para justificar o que fizemos – ou o que planejamos fazer – costumam ser feitos de acordo com o evento, racionalizações do que nós decidimos fazer de maneira intuitiva. E boa parte do que nós intuitivamente consideramos certo, nós consideramos certo somente porque é o que estamos acostumados a fazer. Isso não significa, no entanto, que não podemos nos acostumar a fazer as coisas de maneira diferente.

Considere a prática de enfaixar o pé na China, que persistiu por mil anos – e foi em grande parte erradicada em menos de uma geração. A campanha contra enfaixar o pé, nas décadas de 1910 e 1920, efetivamente divulgou fatos sobre as desvantagens de pés enfaixados, mas isso não pode ter sido surpresa para a maioria das pessoas. Talvez mais eficaz tenha sido a ênfase da campanha de que nenhum outro país adotou a prática. Então, em boa parte do mundo, a China estava “perdendo prestígio” por causa disso. (É claro que para os preservacionistas culturais da China o fato de a prática ser peculiar à região era totalmente uma marca a seu favor). Sociedades de pé natural foram formadas, com membros renegando a prática e jurando ainda que seus filhos não se casariam com mulheres de pés enfaixados. À medida que o movimento se consolidou, ele desprezou profundamente mulheres mais velhas com pés enfaixados e elas foram obrigadas a aguentar as agonias de desenfaixar. O que tinha sido bonito tornou-se feio. A ornamentação tornou-se desfiguração. O apelo à razão não pode explicar nem o costume nem sua abolição.

Isso também ocorreu com outras tendências sociais. Apenas duas gerações atrás, a maioria das pessoas na maior parte do mundo industrializado pensava que mulheres de classe média

idealmente seriam donas de casa e mães. Se elas tivessem tempo disponível, elas podiam se envolver em trabalhos de caridade ou divertir umas às outras. Algumas delas poderiam se envolver nas artes, escrevendo romances, pintando, se apresentando em música, teatro e dança. Mas havia pouco espaço para elas nas “profissões eruditas” – como advogados ou médicos, padres ou rabinos e se fosse para elas serem acadêmicas, elas dariam aulas para moças e provavelmente permaneceriam solteiras. Era pouco provável que elas entrassem para a política, a não ser talvez no nível local. E elas não eram bem vindas na ciência.

Quanto do afastamento em relação a estas suposições é resultado de argumentos? Será que uma parte significativa dela não é apenas a consequência de nos acostumarmos a novas maneiras de fazermos as coisas? Os argumentos que mantiveram o padrão antigo em vigor não eram – em palavras amenas – terrivelmente bons. Se as razões para a antiga forma sexista de fazer as coisas tinham sido o problema, o movimento de mulheres poderia ter sido feito em duas semanas.

Considere outro exemplo: em boa parte da Europa e da América do Norte, em lugares em que uma geração atrás os homossexuais eram párias sociais e atos homossexuais eram ilegais, casais de lésbicas e de *gays* estão sendo cada vez mais reconhecidos pelas suas famílias, pela sociedade e pela lei. Isto é verdadeiro apesar da oposição contínua de grandes grupos religiosos e de uma tendência oculta significativa e persistente de reprovação social. Os dois lados fazem argumentos, alguns bons, a maioria ruins. Mas se você perguntar aos cientistas sociais o que produziu esta mudança, eles certamente não começarão com uma história sobre razões. Eles lhe darão um relato histórico que termina com um tipo de desvio de perspectiva. A presença cada vez maior de pessoas “abertamente *gays*” na vida social e na mídia mudou nossos hábitos. E ao longo

dos últimos 30 anos mais ou menos, em vez de pensarem sobre a atividade privada do sexo *gay*, muitos americanos e europeus começaram a pensar sobre a categoria pública de pessoas *gays*.

Um dos grandes sábios da era do pós-guerra, John von Neumann, gostava de dizer, de forma travessa, que “na matemática não se entende as coisas, simplesmente se acostuma com elas”. Assim como em argumentos matemáticos, a mesma coisa acontecia com os argumentos morais. Agora, eu não nego que o tempo todo, em toda etapa, as pessoas estivessem falando, dando umas às outras razões para fazer coisas: aceitar seus filhos, parar de tratar a homossexualidade como um distúrbio médico, discordar das suas igrejas, se revelar. Ainda assim, a versão curta da estória é basicamente a seguinte: As pessoas se acostumaram com lésbicas e com homens *gays*. Eu estou insistindo para aprendermos sobre as pessoas em outros lugares, para nos interessarmos pelas suas civilizações, pelos seus argumentos, pelos seus erros, pelas suas realizações, não porque elas nos farão chegar a um acordo, mas porque isso ajudará a nos acostumarmos uns com os outros – algo que temos uma necessidade poderosa de fazermos nesta era globalizada. Se esse for o objetivo, então o fato de termos todas estas oportunidades para discordarmos sobre valores não precisa nos dissuadir. Entender um ao outro pode ser difícil, mas certamente pode ser interessante. Mas não exige que cheguemos a um acordo.

VI

Os ideais de pureza e preservação autorizaram muito prejuízo no século passado, mas eles nunca tiveram muita coisa a ver com a cultura vivida. A nossa era pode ser uma de migração em massa, mas a disseminação e a hibridização globais da cultura – através de viagens, do comércio ou da conquista – dificilmente é um desenvolvimento recente.

O império de Alexandre moldou tanto os estados quanto a escultura do Egito e do norte da Índia. Os mongóis, posteriormente, os mogóis moldaram grandes faixas da Ásia. As migrações Bantu povoaram metade do continente africano. Estados islâmicos se expandem do Marrocos à Indonésia. O cristianismo alcançou a África, a Europa e a Ásia poucos séculos após a morte de Jesus de Nazaré. O budismo migrou há muito tempo da Índia para boa parte do leste e do sudeste da Ásia. Judeus e povos cujos ancestrais vieram de várias partes da China há muito tempo vivem em amplas diásporas.

Os comerciantes da Rota da Seda mudaram o estilo de vestuário da elite na Itália; alguém enterrou porcelana chinesa em túmulos swahili do século XV. Eu ouvi dizer que as gaitas de fole começaram no Egito e vieram para a Escócia com a infantaria romana. Nada disto é moderno. Nosso guia para o que está acontecendo aqui pode muito bem ter sido um antigo escravo africano chamado Publius Terentius Afer, que nós conhecemos como Terêncio. Terêncio, nascido em Cartago, foi levado a Roma no começo do século II A.C. e suas peças – obras inteligentes e elegantes que são, juntamente com as de Plauto anteriormente, obras menos cultivadas, basicamente tudo que temos da comédia romana – eram amplamente admiradas entre a elite literária da cidade. O próprio modo de escrever de Terence – que envolvia incorporar livremente qualquer quantidade de peças gregas anteriores numa única peça latina – era conhecido pelos críticos literários romanos como “contaminação”.

Trata-se de um termo evocativo. Quando as pessoas falam a favor de um ideal de pureza cultural, sustentando a cultura autêntica dos Asante ou da fazenda familiar americana, eu me encontro impulsionado para a contaminação como o nome de um ideal oposto. Terence tinha um conhecimento notavelmente

firme sobre o alcance da variedade humana: “Tantos homens, tantas opiniões” era algo que ele falava. E é na sua comédia *The Self-Tormentor* que você encontrará o que pode ser a regra de ouro do cosmopolitanismo: “*Homo sum: humani nil a me alienum puto*” (Eu sou humano: nada humano é estranho para mim). O contexto é esclarecedor. O vizinho de um agricultor intrometido chamado Chremes diz para ele cuidar dos seus próprios negócios; a doutrina do *homo sum* é a réplica jovial de Chremes. Isso não pretende ser um regulamento de cima para baixo. É só o caso para fofoca. Por outro lado, a fofoca – a fascinação que as pessoas têm pelas coisas pequenas que os outros fazem – tem sido uma força poderosa para conversa entre culturas.

O ideal de contaminação tem poucos expoentes mais eloquentes do que Salman Rushdie, que insistiu que o romance provocador de seu fatwa “comemora o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação que ocorre a partir de combinações novas e inesperadas de seres humanos, culturas, ideias, políticas, filmes e canções. Ele se regozija com a hibridização e teme o absolutismo do Puro. Mistura, mescla, um pouco disto e um pouco daquilo – assim é que a novidade entra no mundo”. Não há dúvida de que possa haver uma utopia fácil e espúria da “mistura”, assim como existe da “pureza” ou da “autenticidade”. E ainda assim a verdade humana maior está do lado da contaminação – esse processo sem fim de imitação e revisão.

Uma ética global viável deve combinar um respeito pela diferença com um respeito pela liberdade de seres humanos de verdade fazerem suas próprias escolhas. É por isso que os cosmopolitas não insistem que todo mundo se torne cosmopolita. Eles sabem que não têm todas as respostas. Eles são humildes o suficiente para pensar que poderão aprender com estranhos, mas não são humildes demais para pensar que estranhos não podem

aprender com eles. Poucos lembram o que Chremes diz após sua fala “Eu sou humano”, mas é igualmente sugestivo: “Se você estiver certo, eu farei o que você faz. Se você estiver errado, eu lhe explicarei as coisas”.

* * *

Kwame Anthony Appiah é professor universitário da Cátedra Laurance S. Rockefeller de Filosofia e do Centro Universitário de Valores Humanos na Universidade de Princeton, onde passou a lecionar em 2002. Formou-se em filosofia pela Universidade de Cambridge, no Reino Unido, em 1975, lecionou filosofia na Universidade de Gana, em Legon, antes de retornar mais uma vez a Cambridge para fazer seu doutorado. De 1991 a 2001 foi Professor de Estudos Negros Americanos e de Filosofia na Universidade de Harvard. Juntamente com Henry Louis Gates Jr., é o editor de *Africana: The Encyclopaedia of the African and African-American Experience*. Ele é ex-editor de *Transition*, o periódico literário da diáspora negra da Universidade de Harvard. Ele e Gates também produziram *Civil Rights: An A-to-Z Reference of the Movement That Changed America*, publicado em 2005. Appiah já publicou três romances, duas monografias sobre a filosofia da língua, vários artigos sobre filosofia analítica, inclusive artigos publicados em *Synthese* e várias outras obras filosóficas para um público mais geral, inclusive *In My Father's House: Africa in the Philosophy of Culture*, *The Ethics of Identity*, e *Cosmopolitanism: Ethics in a World of Strangers*.